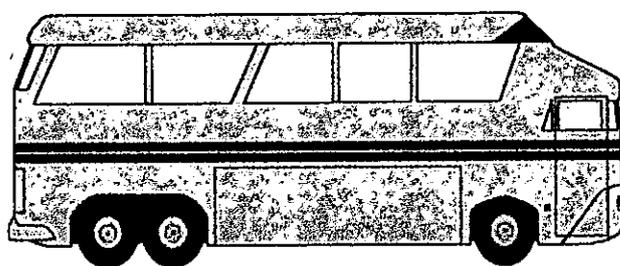


2778



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO NÍVEL DA REDE SOCIAL DOS TRANSPORTES SEMI- COLECTIVOS (CHAPA 100)



*Trabalho de Projecto apresentado em cumprimento parcial dos
requisitos exigidos para o grau de licenciatura da
Universidade Eduardo Mondlane*

ÁREA DE TRABALHO: SOCIOLINGUÍSTICA

Por: *Maria Ricardina B. G. Pacule*
5.º Ano, Curso de Linguística

Supervisor: dr. João Gomes da Silva

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Maio, 1996

81'27 (679)
P 122 a d
F. LETRAS U.E.M.
n.º 26159
DATA 8/ Maio 1998
AQUISIÇÃO O. de
COTA LT-78

LT-78

À minha filha Michelle, companheira e sempre amiga.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar aqui a minha gratidão a todos aqueles que directa ou indirectamente tudo fizeram para tornar possível a realização deste trabalho.

Ao dr. João Gomes Da Silva, meu supervisor que muito gentilmente dedicou muito do seu precioso tempo e saber neste trabalho, encorajando-me a prosseguir com o trabalho.

Aos meus professores ao longo do curso, que sem eles este trabalho não existiria, pelo muito que por mim fizeram.

Aos meus informantes, motoristas e cobradores, dos transportes semi-colectivos, sem os quais este trabalho não teria sido possível, pela valiosa ajuda no fornecimento de dados.

A minha família e aos meus amigos, que sempre me dispensaram todo o apoio moral e material.

Declaro que este trabalho de projecto nunca foi apresentado na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que consultei.

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA AO NÍVEL DA REDE SOCIAL
DOS TRANSPORTES SEMI-COLECTIVOS (CHAPA 100)**

Sumário:

Baseado num "corpus" de 70 variáveis utilizadas pelos transportadores semi-colectivos, o presente estudo tem como objectivo demonstrar que tais variáveis constituem uma variante linguística socioprofissional.

O texto do trabalho compreende 6 partes:

A primeira constitui a introdução geral do trabalho; apresentação dos métodos de pesquisa utilizados na recolha de dados e análise dos mesmos.

Na segunda apresenta-se a revisão crítica da literatura sobre as bases teóricas e procedimentos sociolinguísticos em relação à variação linguística.

Na terceira apresenta-se a perspectiva teórica na base da qual o trabalho foi elaborado.

A quarta destina-se a apresentação da hipótese de investigação.

Na quinta procede-se à descrição e discussão do "corpus".

Na sexta apresenta-se a conclusão a que a investigação conduziria em ligação com os objectivos do trabalho, a hipótese avançada na quarta parte, as bases teóricas apresentadas na segunda e terceira partes e, as propostas para uma investigação subsequente.

Nota Prévia

A natureza deste Trabalho de Projecto (T.P.) não se presta a análises minuciosas senão a aflorar questões ligadas à relação língua e sociedade no seu sentido restrito. Estamos em crer que as interrogações que serão colocadas neste Trabalho de Projecto fornecerão pistas, para uma reflexão que talvez servirá de ponto de partida para futuras pesquisas na área.

- **Objectivos:**

A aparente facilidade com que os cobradores manuseiam a língua, para atingir os seus objectivos, é um testemunho da capacidade humana para criação de variantes em contextos socioprofissionais. É também um testemunho da criação de uma rede social através da língua - a micro-comunidade linguística dos transportes semi-colectivos.

O presente trabalho tem por objectivo reunir e interpretar as principais variáveis que os cobradores utilizam para se comunicarem - facto que poderá contribuir para o estudo sociolinguístico da língua portuguesa em Moçambique.

- **Metodologia:**

Partindo de dados empíricos da interacção conversacional tida nos

transportes semi-colectivos, o trabalho iria descrever em primeiro lugar como o material linguístico familiar e não familiar se torna compreensível para os cobradores e seus interlocutores (motoristas) quando eles se modificam e se reestruturam na sua interacção socioprofissional; em segundo lugar, iria explicar a importância que é dada a essas modificações no processo de comunicação; e por último, iria demonstrar como a partir dos valores particulares dessas variáveis se estabelece a rede social dos transportes semi-colectivos.

Para tal, as nossas pesquisas ir-se-iam desenvolver, a partir de pré-inquéritos, colhidos entre 1994 - 1995, em 30 das principais rotas dos transportes semi-colectivos ("Chapa 100") da cidade de Maputo. Baixa - Compound, Baixa - Xipamanine, Baixa - Magoanine, Baixa - Hulene, Baixa - Xikhelene, Museu - Alto-Maé, Museu - Xipamanine, Museu - Xikhelene, Museu - Jardim, Museu - Patrice Lumumba, Patrice Lumumba - Xipamanine, Xikhelene - Benfica, Xikhelene - Museu, Xikhelene - Magoanine, Xikhelene - Xipamanine, Xikhelene - Albasini, Xikhelene - Costa do Sol, Benfica - Hospital Central, Hospital Central - Bota Alta, Hospital Central - Ponto Final, Ponto Final - Costa do Sol, Ronil - Cinema-700, Ronil - Cidade da Matola, Ronil - Benfica, Ronil - Patrice Lumumba, Ronil - Liberdade, Maputo - Namaacha, Maputo - Marracuene, Maputo - Boane e Maputo - Macia, seriam as rotas por nós escolhidas.

Para efeitos de demonstração da nossa variável linguística debruçar-nos-íamos fundamentalmente ao nível social e ao nível léxico-semântico. Nos casos em que fosse necessário obter juízos de valor seriam inquiridos 30 cobradores das diferentes rotas por nós escolhidas. Para obtenção de material linguístico

homogéneo, que pudesse ser comparado, além desses 30 informantes inquiridos, faríamos perguntas de carácter social e cultural a diversos cobradores; e na tentativa de supreender muitas das variáveis linguísticas utilizadas pelos cobradores dos transportes semi-colectivos utilizaríamos o método observação participante.

Por último, os dados seriam apresentados para ilustrar como a interacção língua - sociedade se caracteriza nesse meio linguístico, e como a partir dessa interacção é possível determinar as características do grupo que as utiliza.

- **Motivação:**

O estudo, sobre o processo de comunicação oral em Moçambique, é um vazio absoluto. Para se começar a apreciar o estudo e as qualidades de muitas dessas formas não escritas, é preciso ir às suas origens mais recônditas: investigar as origens das povoações, as actividades nelas exercidas, os ciclos agrários, a pesca, etc.

Por se tratar de um meio de transporte utilizado pela maior parte da população urbana e periférica e, porque está na hora de se começar a provar e investigar como em Moçambique o português é resultado de vários factores sociais e culturais, escolheríamos os transportes semi-colectivos e a variação linguística como o universo para o trabalho que apresentaríamos.

No final do trabalho, pretende-se-ia reunir dados relevantes para a compreensão do processo de formação de uma variante da língua portuguesa em

Moçambique - a sub-variante socioprofissional dos transportadores semi-colectivos (Chapa 100) - contribuindo assim para descodificação e captação dos mecanismos que, em situação de comunicação, intervêm na construção de uma gramática particular, de um grupo socioprofissional, - a rede social dos transportes semi-colectivos.

Revisão crítica da literatura:

O trabalho aqui apresentado enquadra-se no âmbito da **Sociolinguística**, mais concretamente na **variação linguística**.

Estão na ordem do dia os estudos sobre a variação linguística e é extensa a bibliografia por ela constituída. Apesar de termos consultado muitos desses trabalhos, onde colhemos bastantes sugestões, não achamos todavia nenhum que se ocupasse afincadamente da relação língua (discurso oral em contexto socioprofissional) e sociedade. Com efeito, a revisão bibliográfica aqui proposta tem em vista a familiarização de conceitos uteis para a criação de uma base teórica para a descrição e discussão do "corpus" em análise.

- **O que é uma comunidade linguística?**

A **comunidade linguística** é um dos conceitos da Sociolinguística que tem apresentado sérias dificuldades para investigação científica.

Já na primeira metade do século xx (linguística estrutural), a comunidade linguística era vista como uma unidade homogénea, em que os seus membros se comunicavam uns com os outros de igual modo - Chomsky (1965), definia a língua como "algo homogéneo, comum a todo ser humano".

De acordo com Gumperz (1968), uma comunidade linguística é "cada grupo humano caracterizado por interacção regular e frequente através de um conjunto partilhado de signos verbais que se distingue de outros grupos similares por diferenças linguísticas notáveis".

Para Labov (1972), a comunidade linguística "não se define por qualquer consenso marcado no uso de elementos linguísticos, mas antes pela participação num conjunto de normas comuns; estas normas podem ser observadas em certos tipos de avaliações abertas sobre a língua e na uniformidade de padrões abstractos de variação que se mantêm invariáveis nos vários níveis da linguagem".¹

Na concepção de Dubois (1973: 133), chama-se comunidade linguística "a um grupo de seres humanos que usam a mesma língua ou o mesmo dialecto, num dado momento, e que podem comunicar-se entre si".

¹ Silva (s.d: 2), Texto de Apoio - Comunidade linguística e repertório verbal.

Halliday (1978: 154), é de opinião que a **comunidade linguística** é "uma construção idealizada, e é uma combinação de três distintos conceitos: grupo social, rede de comunicação, e população linguisticamente homogénea".

Face a diversidade de definições acima referida e da complexidade linguística que é Maputo, neste trabalho, usaremos o termo '**micro-comunidade**' para definição da nossa **comunidade linguística**. Socorrendo-nos de Silva (1991), a **micro-comunidade linguística dos transportadores semi-colectivos** por nós descrita será encarada como um "campo de acção onde a distribuição de variantes e de variedades linguísticas é o reflexo de factos sociais." ² Assim sendo, e considerando a proposta de Milroy (1980) sobre um "modelo sociolinguístico integrado" e sem tirar o mérito do trabalho de Labov (1966), a **comunidade linguística** por nós descrita será encarada como uma **rede social** e não como uma **classe social**.³ Aliás, a visão social da língua proposta por Labov (1966), (no seu trabalho "Estratificação do Inglês de Nova York") e por muitos outros (cf. Gumperz (1971)), foi um passo gigantesco para a Sociolinguística; pois, apesar de Saussure (1972: 25), ter definido a língua como "um fenómeno social", a descrição da língua de uma comunidade só era estabelecida a partir de alguns sujeitos. Labov (1966), ao decrever o inglês de Nova York a partir de parâmetros sociais como profissão, opôs-se aos "homens de Saussure", isto é, ao "Paradoxo

² Idem, p:2.

³ A "**rede social** tem a ver com a comunidade e o nível interpessoal da organização social". (Milroy 1980 in Giglioli 1992: 97)

Saussureano".⁴ Com efeito, a fala de uma comunidade passou a ser descrita não apenas pelas regras gramaticais, mas também pela relação entre língua e sociedade. Contudo, um número de sociolinguístas "Rickford (1986; Sankoff, Cadergren, Kemp, Thibault e Vincent 1989) tem observado que a concepção de Classe social subjacente ao trabalho de Labov na cidade de Nova Iorque e Filadélfia não é particularmente apropriada" e nós concordamos com isso, (cf. Milroy (1980) in: Giglioli (1992: 95)). Romani (1982), partilha do mesmo ponto de vista, ao reportar estudos sociolinguísticos que reflectem a importância deste assunto, pois, de acordo com este autor, a metodologia desenvolvida por Labov, em Nova Iorque e Filadélfia, não é aplicável em outro tipo de comunidades que não as americanas. Milroy (1980: 97), "classe social é fundamentalmente um conceito escolhido para elucidar processos e estruturas económicas, políticas e sociais em larga escala."⁵

Perspectiva Teórica:

O trabalho que se segue é de carácter descritivo e seguirá a perspectiva teórica da **linguística socialmente realista**, que é o ramo da Sociolinguística que relaciona os dados linguísticos e a sociedade.

Labov (1966), que no seu trabalho (*The social stratification of English in New York City*), determinar a variação linguística em função da estratificação social é um dos mentores desta perspectiva teórica.

⁴ "Pela primeira vez se provava a regular alternância das variáveis linguísticas em função de parâmetros sociais". (Dittmar 1976: 128)

⁵ Milroy (1980) in: Giglioli (1992: 98)

Hipótese de Investigação:

Os fenómenos de variação que se verificam no discurso dos transportadores semi-colectivos constituem uma variante linguística socioprofissional da língua portuguesa em Moçambique.

Para chegarmos a esta hipótese tivemos que optar por uma metodologia não ambiciosa e nem rigorosa - o *Design Quasi-experimental* pois, os dados que aqui apresentamos são fruto de uma observação e de um "pré-inquérito" efectuado a partir de um grupo já existente - os **transportadores semi-colectivos**.

Descrição e Discussão:

- **Considerações gerais:**

A língua Portuguesa em Moçambique:

Para além das línguas bantu, a língua que se fala em Moçambique, é a língua portuguesa a que os seus colonizadores trouxeram de Portugal, e que foi oficialmente adoptada pelo governo moçambicano.

Quando os portugueses chegaram a Moçambique, as populações locais falavam algumas línguas bantu (língua materna para grande parte da população local). Com a ocupação efectiva portuguesa esta situação alterou-se. As

populações locais passaram a falar a língua portuguesa por razões económicas e sociais - para sobreviver (nos centros urbanos) era necessário falar a língua veicular, ou seja, a língua portuguesa. As comunidades desenvolvidas até então, passam a ser bilingues, (língua bantu local & língua portuguesa). Com efeito, a nível da população local começa a haver uma estratificação social (assimilados & não assimilados). As classes "superiores" passaram a falar a língua portuguesa, e as classes "inferiores" continuaram a falar a sua língua materna (uma língua bantu).

Com a independência de Moçambique em 1975, o número de moçambicanos falantes de língua portuguesa aumentou significativamente. Todavia, a norma institucionalizada pelo governo, a norma padrão europeia, começou a distanciar-se cada vez mais da europeia.

A massificação do ensino, aliada à falta de professores capacitados (com uma boa "performance" do português - o português constitui língua segunda para a maior parte dos professores), e a falta de material didáctico adequado para o ensino de língua segunda, tem contribuído para que esse distanciamento seja cada vez mais maior. Silva (1991), é de opinião que a escola é um potencial "cristalizador" das marcas linguísticas consideradas "erros" ou "desvios" da norma europeia.

As grandes perturbações sociais ocorridas nos anos 80 e princípios da década 90, que culminaram com a imigração para as cidades de um grande número da população campestre, é (foi) um dos factores que tem contribuído para a massificação e criação de variantes contextuais da língua portuguesa em

Moçambique. Claro, este grupo populacional passou a utilizar a língua portuguesa como meio de sobrevivência - o português em Moçambique, é a língua de promoção social, do debate técnico e político, das leis, da informação. Com efeito, na comunicação familiar, o português passa a desempenhar um papel importante, daí resultando o facto dele já ser provalvemente a língua materna de muitos moçambicanos.

A falta de contacto da variante europeia como a norma a seguir em Moçambique - aliado ao facto do português ser L2 para muitas das crianças nascidas a partir de junho de 75 (independência nacional), a situação de contacto de línguas e o bilinguismo (língua materna (bantu) & língua portuguesa), tem contribuído para o processo de formação do que se poderia chamar de Português de Moçambique (PM), ou melhor, de Português Urbano de Moçambique.

Determinação da comunidade linguística:

O estudo do Português urbano em Moçambique suscita uma problemática bastante complexa pois, só na cidade de Maputo existem variações estigmatizadas, diferentes das do Português Europeu. Se avançarmos para outros centros urbanos encontramos igualmente algumas variações diferentes das de Maputo e por sua vez da Europa.

Assim, o mosaico linguístico urbano em Moçambique é bastante rico e esta heterogeneidade revela, ou melhor, é o resultado dum outro problema de não menor importância que é a heterogeneidade cultural do próprio país. Esta

condiciona a outra porque os seus falantes não possuem diante de si a norma europeia através da qual se guiam, daí as transposições de vocabulário, sintaxe, etc, feitas na tentativa de se enquadar melhor num meio que lhes seria (é?) estranho (a língua portuguesa europeia); deste modo, tentar delimitar uma comunidade linguística em Moçambique é deveras complexo. Maputo constitui uma mistura de línguas que se cruzam neste vasto território.

Falar de uma pretensa comunidade linguística dos cobradores dos transportes semi-colectivos em Maputo, é referir-se a micro-comunidades linguísticas existentes e não a uma macro-comunidade, porque esta não existe. Aliás, a problemática de definição do que é uma comunidade linguística, levou a que vários estudiosos (Leonard Bloomfield (1933), John Lyons (1970), William Labov (1972)), se empenhassem a fundo, na procura de uma definição que melhor caracterizasse a realidade que se pretendia descrever. No entanto, certas confusões e divergências em relação a definição do que é uma "comunidade linguística" ainda persistem.

Exemplos elucidativos do funcionamento da língua portuguesa nos transportes semi-colectivos:

A língua está em permanente evolução, tal como o mundo, a vida, o Homem. As descobertas no campo científico e tecnológico, a mudança das ideias e das relações entre os homens, e destes com a natureza, a produção de novos objectos, etc, tem determinado a mudança linguística duma comunidade.

As modificações sofridas por uma língua no decorrer dos tempos são ao nível fonético, lexical e semântico.

. Novas palavras surgem. Por exemplo, a palavra (4) "Pimba", que nos transportes semi-colectivos designa um procedimento rápido e decisivo 'parar ou arrancar rapidamente', no léxico da língua portuguesa equivale ao "záz", ao "tumba", etc.

. As palavras antigas adquirem novos significados. Por exemplo, a palavra (5) "Dobra" que no contexto dos transportes semi-colectivos significa 'avança', no léxico da língua portuguesa significa 'parte de um objecto que, voltada, fica sobreposta outra; vinco; prega. Antiga moeda portuguesa'.

. Ao nível semântico a possibilidade de ocorrência de variáveis como estas no discurso dos cobradores dos transportes semi-colectivos, parece ser explicável a partir da rede social que os cobradores e os motoristas pretendem estabelecer (estabelecem?) para resolução dos seus problemas diários - duplicar, triplicar a receita - incitando os passageiros, manipulando o patrão - através da língua.

De acordo com Mitchell (1986: 74), "os indivíduos criam comunidades de pessoas que lhes proporcionam uma estrutura significativa para a resolução de problemas da sua existência diária" ⁶; ou seja, quando o cobrador do transporte

⁶ In: WARDHAUGH, R., An Introduction to Sociolinguistic, 2ª ed, Cambridge: Cambridge University Press, 1985

semi-colectivo diz (6) "uma média", os utentes desse transporte semi-colectivo pensarão numa "garrafa de cerveja", mas o motorista que é seu "cúmplice", saberá que ele se refere a "um passageiro", portanto, a mais (mil meticais para o seu bolso e não a "uma garrafa de cerveja de tamanho médio").

Obs: Nos subúrbios, é usual usar-se a garrafa em questão para a medição de bebidas tradicionais (de fabrico caseiro) ao preço de mil meticais, que coincide com o preço do CHAPA 100.

. Mas algumas muito interessantes, se perdem. Por exemplo, a palavra (7) "sassarica", que outrora significava 'pára em todas as paragens', hoje, já não se utiliza.

Posto isto, cabe-nos afirmar, que a língua é algo dinâmico que evolui de acordo com a sociedade .

. Na linguagem dos cobradores, verificamos, por vezes, o uso de termos do Tsonga - (8) "txova" (empurra), (9) "biwa" (apanha); do Inglês - (10) "brother" (irmão), (11) "John" (João), mesmo em casos em que estes não se devem a inexistência no léxico da língua portuguesa de palavras que desempenhem idêntica função referencial.

Ora, esta possibilidade de ocorrência de palavras provenientes do Tsonga parece ser explicável pelas múltiplas situações de contacto de línguas e de

bilinguismo criadas pela dinâmica social existente na cidade do Maputo (êxodo rural - urbanização), pelo tipo de clientes (operários, vendedeiras, etc.) e, pela relação de força que em algum momento histórico esta língua manteve com o português.

Relativamente as palavras provenientes do inglês, é nossa opinião que estas sejam resultantes do intercâmbio científico, técnico, comercial e cultural entre países e povos. Segundo Calvet (1974), o empréstimo revela, muitas vezes, a relação de forças de duas línguas num dado momento histórico.

. A ocorrência de alterações à norma europeia no discurso dos cobradores dos transportes semi-colectivos, também se traduz a nível sintáctico e a nível fonético.

Ao nível sintáctico, verifica-se a ocorrência de construções que não são permitidas pelas normas do português europeu (PE). Por exemplo, (12) "Carrega Johny", ou (13) "Titia, aproxima na porta" (construções tipicamente moçambicanas ("maputenses")).⁷

Confrontemos os seguintes exemplos:

P. de Moçambique

P. Europeu

⁷ Obs: Dizemos "construções tipicamente moçambicanas ou maputenses", porque ao nível da cidade de Maputo é comum ouvir-se falar assim; aliás, 99% dos nossos inquiridos foram unânimes em afirmar que estas construções estavam correctas, o que pressupõe que no seu dia a dia cometem "erros" desta natureza, ("erros", relativamente a norma europeia).

(12) ??(a)"Carrega, John." (carrega pessoas) & (b)"João, carrega o saco."

Obs: "John" não quer dizer 'João', mas sim 'amigo', na gíria.

Comparando estas duas variantes acima referidas (12(a) e (b)), do português - moçambicano e europeu - pode-se concluir que o verbo "carregar" tem comportamento sintáctico diferente. Na variante moçambicana, o verbo "carregar" é: [-/+ animado], [-/+ humano], (cf.12(a)); na variante europeia é: [- animado], [- humano], (cf. 12(b)), daí a não realização de frases como as descritas em 12(a).

(13) ??(a)"Titia, aproxima na porta." & (b)"Por favor, aproxime-se à porta."

A frase (13(a)) é possível na variante moçambicana como resultado da tradução literal de "Tshindzeka ka xipfalu" - 'aproxima na porta'. Como se vê estamos aqui perante uma frase em que o autor desta frase (que tem o português como língua segunda), faz uma "transferência" (negativa) de padrões estruturais das língua bantu (LB) para o português (PM). Entenda-se 'transferência negativa' segundo Odlin (1989),⁸ como o facto dos falantes usarem (ou "copiarem") formas das LB no seu discurso em português, sendo que tais formas são 'estranhas' a esta língua.

Ao nível fonético, observa-se a desnasalação, a aférese.

. Desnalação:

⁸ ODLIN, T. (1989: 2)

Por exemplo, em palavras como (14) "paragem" os cobradores fazem desaparecer a ressonância nasal da vogal "e" (paragem > parage [paragi]). Isto acontece, porque de acordo com Bento Siteo (1991: 109), "a nasalização das vogais é fenómeno raro em Tsonga - nos empréstimos as vogais perdem a sua nasalidade."

. Aférese:

A queda, no início da palavra de uma vogal, por exemplo, a palavra (15) "embora", que em língua portuguesa é pronunciada [embora], no "Chapa 100" é pronunciada [mbora]. A este fenómeno fonológico, Dubois (1978: 29), chama de aférese.^{9 10}

Posto isto, cabe-nos afirmar que, as línguas, positivamente, não estagnam. Nelas, vemos profundas mudanças fonéticas, lexicais e semânticas. O tempo foi suficiente para essa transformação.

⁹ Aférese "é uma mudança fonética que consiste na queda de um fonema inicial ou na supressão da parte inicial (uma ou mais sílabas) de uma palavra."

¹⁰ Obs: Não constitui objecto deste trabalho tratar de modificações a nível fonético ou sintáctico. Faz-se apenas uma abordagem superficial com o intuito de completar o estudo da variação linguística nos transportes semi-colectivos.

Não pretendemos defender que estas expressões cabem perfeitamente no grupo que delimitámos; mas pensamos, que na maior parte dos casos haverá uma tendência evidente para assimilar uma dada expressão a uma outra.

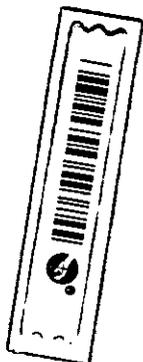
Somos também forçados a dizer que essas expressões em alguns casos são empregues num sentido natural e noutras num sentido não-natural.

Pode levantar-se polémica em torno do nosso uso, bastante livre, de palavras como 'natural' e 'não-natural'. Devemos dizer que não é o nosso propósito. O nosso uso da palavra 'natural' no contexto do trabalho remete para o seu uso denotativo.

A intensa vida social de Maputo, o seu progresso impressionante, comercial, agrícola, industrial, as migrações, a sua vida cosmopolita, têm, forçosamente projectado "sangue novo" na língua portuguesa.

A linguagem não é apenas uma forma de pensar mas também (e não primariamente) uma forma de manifestar, de exteriorizar, isto é, de comunicar.

O homem é um ser social que vive em sociedade, onde cada indivíduo tem de comunicar com os seus semelhantes. A sociedade fundamenta-se no uso da linguagem, pois este é o único meio que permite que os homens mantenham relações entre si; portanto, é a comunicação linguística que alicerça a comunidade e é nesta que o homem se realiza plenamente, não como um ser isolado mas como um ser que vive com os outros em comunidade - a micro-comunidade linguística dos transportadores semi-colectivos.



Uma primeira hipótese de explicação para o acima exposto, consistiria em sugerir que as palavras tomadas como se nos aparecem nos transportes semi-colectivos, fora dos contextos, são por vezes enganadoras, porque elas não significam o que pretendem significar.

Como signo linguístico, estas palavras, são uma entidade com duas faces, isto é, significante (sons) e significado (sentido).

Ressaltar a conotação dos signos vista como o facto do significante modificar o seu significado impregnando-o de um sentido novo, mais fecundo e

produtivo é óptimo. Mas se aceitarmos esta análise, caímos aparentemente noutra dificuldade. Estas mesmas palavras podem ser vistas como **neologismos**, ou como **emprestimos**.

Uma segunda hipótese, seria considerar que os exemplos aqui apresentados constituem aquilo a que Trudgill (1983: 101), chamou de **registo**. "Registos são maneiras de dizer diferentes coisas; são configurações de significados que são tipicamente permutáveis - que são como um risco de modo a falar sob dadas condições de uso." Para Trudgill (1983: 110), o **registo** "é uma variante semântica a partir da qual o texto pode ser um exemplo; é o que a pessoa fala, determinado por aquilo que a pessoa faz naquele momento."

Uma terceira hipótese, seria considerar este conjunto de palavras uma **língua especial** ou **socioleto**. Pois, este conjunto de palavras constitui uma ramificação da língua portuguesa, que se caracteriza por ser processada em virtude das necessidades técnicas dos transportadores semi-colectivos.

Uma quarta hipótese de explicação, seria considera este conjunto de palavras uma **língua técnica**, pois, de acordo com Borba (1979: 76), as "**línguas técnicas** pertencem a grupos profissionais. São tão antigas quanto as profissões e aparecem sempre onde estas formam grupos particulares dentro da sociedade geral."

. Talvez possamos destacar as seguintes hipóteses:

- A semiologia destas palavras não pode ser feita sem tomar em conta a totalidade do conteúdo e a forma dos enunciados onde ela se manifesta (situação de comunicação).

- Os sistemas sociais determinam em parte as escolhas de palavras que as pessoas fazem e os objectivos que têm para comunicar.

- O discurso dos cobradores dos transportes semi-colectivos (dos profissionais) são ramificações da língua comum, processadas em virtude das necessidades técnicas.

- Cada comunidade profissional tem uma linguagem própria.

Analisando a linguagem no seu aspecto exterior, verificamos que essas inovações lexicais são produzidas pelo uso de termos existentes nas línguas, com sentido diferente. Mas analisando a linguagem pelo ângulo da sua génese, verificamos que esta é a faculdade que o homem possui de criar símbolos.

Dum modo geral, os fenómenos de variação que se observam no "corpus" em análise decorrem da falta de contacto com a variante europeia - adoptada como norma a seguir em Moçambique - aliada ao facto desta língua ser L2 para quase toda a população (a maior parte dos nossos inquiridos tem como L1 o

tsonga) e, ao facto estes pertencerem a uma camada social baixa (com baixo nível de escolaridade).¹¹

Grande número de vocábulos, da língua portuguesa, como já vimos, veio alargar e especializar a sua significação. De acordo com Borba (1979: 78), "uma palavra se especializa quando ao seu significado básico se acrescentam certas características que lhe dão um sentido típico do meio em que ocorrem". Tais adaptações, acomodações ou ajustamentos ao ambiente "chapista", extensões e enriquecimentos de sentido, constituem uma das variedades da língua portuguesa num contexto socioprofissional.

- **Factores da diversidade da língua:**

A comunicação entre indivíduos que usam o mesmo código é condicionada por factores extra-linguísticos de ordem: geográfica, situacional, socioprofissional.

O português em Moçambique aparece-nos, como um complexo de variedades actualizadas segundo as condições próprias de cada acto verbal, das intenções de comunicação, que são diversamente distribuídos pelos falantes de acordo com vários factores.

¹¹ É de notar, que os dados acima apresentados, são fruto de um pré-inquérito por nós elaborado.

Os factores que têm contribuído para a criação desta variante são os de ordem socioprofissional e os de ordem situacional:

- Os factores de ordem socioprofissional influenciam a língua criando tipos de linguagem;

- Os factores de ordem situacional influem na língua provocando diferenciações.

Possíveis factores que contribuíram para a cristalização de tal variante:

- Influência do Português do Brasil - TV (telenovelas - (cf. ex. 7));

- A rota;

- O trânsito;

- O tipo de público;

- Profissão;

- Necessidade de persuadir o público para o seu "Chapa";

- A idade;

- As mudanças políticas e económicas e, por conseguinte, sociais e culturais.

Um dos factores que julgamos contribuir para a criação deste tipo de linguagem é o trânsito. Quanto maior for o trânsito (o número de "Chapas"),

maior é a utilização deste tipo de palavras, porque há necessidade de persuadir os utentes para o seu "Chapa", a fim de aumentar a receita.

O tipo de público é também um dos factores que tem possivelmente contribuído para a cristalização desta variante, pois quanto mais desfavorecido são os utentes dos transportes semi-colectivos mais frequentemente este tipo de palavras é utilizado. Por exemplo, nas rotas Xikhelene - Xipamanine ou Patrício Lumumba - Xipamanine em que os utentes dos transportes semi-colectivos são "mamas" (vendedeiras do mercado), este tipo de registo é mais frequentemente utilizado, porque funcionam como uma forma lúdica de divertir os clientes, ou melhor, este tipo de cliente.

Em relação à profissão, diríamos que este tipo de registo é um código que facilita a comunicação entre os cobradores e os motoristas - é a chave do negócio. Daí a frequente utilização deste tipo de palavras.

Em relação à mudança política, diríamos que, aquando da campanha eleitoral, surge em Moçambique a palavra "acantonar" que significava "agrupar as pessoas em centros de acampamento". Esta mesma palavra nos transportes semi-colectivos passou a significar "parar para levar o maior número de passageiros; encher o carro".

Comparando o grupo dos cobradores dos transportes semi-colectivos com o grupo dos cobradores dos transportes públicos de Maputo (TPM) diríamos que

"os valores sociais e os itens linguísticos variam de comunidade para comunidade e de subgrupo para subgrupo", Milory (1980).

Nos transportes semi-colectivos a língua portuguesa é conotada, "manuseada", enquanto que nos transportes públicos é denotada, é falada normalmente (no seu sentido lato).

Analizando a língua portuguesa nos subgrupos dos transportes semi-colectivos, verificamos que existem fenómenos de sub-variedades. Por exemplo, os do grupo "Baixa - Compound" dizem por exemplo, (16) "um, dois" para dizer 'arranca' ou 'pára', enquanto que os do grupo "Maputo - Namaacha", não dizem nada para mandar parar ou arrancar. Simplesmente, dizem: (17) "Maputo - Namaacha" ou "Namaacha - Maputo", 'para indicar a rota'. Isto acontece, por um lado, por causa do percurso e do número de carros, por outro, por causa da idade, (os cobradores e motoristas que trabalham em rotas como estas são adultos).

Um outro factor que julgamos contribuir para a criação de subgrupos dentro da rede socioprofissional dos transportes semi-colectivos é a distância a percorrer em cada rota. Por exemplo, a distância que percorre o transporte semi-colectivo da rota "Baixa - Compound" é menor que a distância que percorre o transporte semi-colectivo da rota "Maputo - Namaacha"; o número de carros na

rota "Baixa - Compound" é maior que o número de carros da rota "Maputo - Namaacha".

São estas "pequenas" diferenças (percurso, número de carros, etc), que fazem com que a língua portuguesa nos transportes semi-colectivos varie de grupo para grupo e de subgrupo para subgrupo. Trudgill (1974: 20), revela que "todas as línguas e as variedades estão estruturadas de acordo com as necessidades dos seus utentes e, algumas inferioridades apatentes reflectem a estrutura da sociedade".

Conclusão e Proposta:

- **A linguagem dos transportadores semi-colectivos é ou não uma variante linguística socioprofissional?**

Na base do que se tem vindo a considerar, e socorrendo-nos de Dubois (1978: 609)¹², fica claro que efectivamente, o uso da língua portuguesa nos transportes semi-colectivos da Cidade de Maputo, constitui uma variante da língua portuguesa - a variante socioprofissional dos Transportadores semi-colectivos.

¹² "Chama-se **variação** o fenómeno no qual, na prática corrente, uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar e num grupo social dado, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social."

No entanto, julgamos que esta conclusão carece ainda de maior fundamento pois, para além de os grupos sociais em Moçambique não estarem suficientemente definidos, a natureza do trabalho (TP), não nos permitiu dar largas a investigação. Borba (1979: 77), afirma que "todos os grupos sociais tem a sua gíria". Uma proposta para investigação subsequente é, pois, que se leve a cabo uma análise semelhante com outros tipos de grupos sociais, estivadores, pescadores, "meninos da rua", drogados, etc. Pois, não só nos daria uma análise de conceitos interessantes em si mesmo como a comparação de todo este grupo, fornecendo eventualmente uma base para uma análise mais séria da língua portuguesa em Moçambique.

Corpus:

1. Afina
2. Aguenta
3. Aconteceu
4. Acantonar
5. Acelera
6. Biwa
7. Beleza
8. Bonya
9. Bolher
10. Carrega
11. Dobra
12. Duas vezes
13. Duas médias
14. Das duas uma
15. É malária isso
16. Encosta
17. Era uma vez
18. Está andar - ['tá 'ndar]
19. Está na moda - ['tá na moda]
20. Embora - ['mbora]
21. Força

22. Gueleza
23. Johnny
24. Mil, Mil
25. Mil meticais
26. Mister
27. Manjor
28. Pimba
29. Pisa
30. Paragem - [paragi]
31. Põe a andar
32. Sai/saiu
33. Sai, Sai a maneira
34. Sassarica
35. Soma e segue
36. Segue
37. Txova
38. Tsapo-tsapo
39. Uma nota
40. Uma nota de Dez
41. Um, dois
42. Uma das duas
43. Um momento
44. Vamos

45. Vai Johni
46. Vinte e Cinco
47. Xibiwile
48. Alguém desce?
49. Bairro Jardim
50. Como é Paragem?
51. Como é Pandora?
52. Capuchinho?
53. Electricidade?
54. Ponte?
55. Museu - Bota Alta (?)
56. Baixa - Compound - [componi] (?)
57. Benfica (?)
58. Hospital Central (?)
59. Setocentos (?)
60. Aproxima na porta
61. Aproveita semáfore
62. Dinheiro trocado
63. Encostar aí atrás
64. Um, dois, txova
65. Vamos lá descer rápido
66. Vamos para 'trás
67. Vamos jogar rápido

68. Titia aí, dá passagem

69. Senhores, vamos penetrar

70. Sempre para trás

70. Chefe afasta para trás

Bibliografia:

BORBA, Francisco da Silva, Introdução aos Estudos Linguísticos, 6ª ed, São Paulo: Companhia Editora Nacional

CALVET, Louis Jean, Linguistique et Colonialisme: Petit Traité de Glottophagie, Paris: Payot, 1974

DITTMAR, Norbet, Sociolinguistic: A Critical Survey of Theory and Application, 1ª ed, London: Edward Arnold, 1976

DUBOIS, Jean et al, Dicionário de Linguística, 1ª ed, São Paulo: Editora Cultrix, 1978

ELIA, Sílvio, Sociolinguística: Uma Introdução, 1ª ed, Rio de Janeiro: Padrão, 1987

FASOLD, Ralph, The Sociolinguistic of Society, 1ª ed, England: Oxford Blackwell, 1984

GANHÃO, F., O Papel da Língua Portuguesa em Moçambique, Comunicação do 1º Seminário Nacional sobre o ensino de língua portuguesa, 1979

GIGLIOLI, Pier Paolo, Social Network and Social Class: Towards An Integrated Sociolinguistic Model, in: Language and Social Context, England: Penguin Books, 1992, p: 97-115

GONÇALVES, Perpétua, Variação do Português por Dentro do Português, in: Revista Internacional de Língua Portuguesa: nº1, Julho 1989, p: 15

GREGORY, M. and CARROL, S., Language and Situation: Language Varieties and Their Social Contexts, 1ª ed, Boston: Routledge and Kegan Paul, 1978

GUMPERZ, J. J., The Speech community, in: Language in Social Group: Essays, 1ª ed, Standford: Standford University Press, 1971, p: 97-113

HALLIDAY, M. A. K., Language as Social Semiotic: The Social Interpretaton of Language and Meaning 1ª ed, London: Edward Arnold

HUDSON, R. A., Sociolinguistic, 1ª ed, Cambridge: Cambridge University Press, 1980

MILROY, Lesley, Language and Social Network, 2ª ed, Brasil: Blackwell, 1980

ODLIN, T., Language Transfer: Cross-linguistic Influence IN
Language Learning, 1ª ed, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.

RALPH, Falsold, The Sociolinguistic of Society, 1ª ed, England: Oxford,
1984

ROMAINE, S., Sociolinguistic Variation in Speech
Communities, 1ª ed, London: Edward Arnold, 1982

SILVA, João Gomes, A Variação do Português Falado em Moçambique: A
Escola Como Factor de Cristalização in: Revista Internacional de Língua
Portuguesa: nº12, Dezembro 1994, p: 65-102

SILVA, João Gomes, Interferência e Variação Linguística: Algumas
Considerações Sociolinguísticas Sobre o Português Falado em Moçambique in:
Revista Internacional de Língua Portuguesa: nº5/6, Dezembro 1991, p: 101-105

SITOE, Bento, Empréstimos lexicais do português no Tsonga in Revista
Internacional de Língua Portuguesa: nº5/6, Dezembro, 1991, p: 109-113

TRUDGILL, P., Sociolinguistic: An Introduction to Language and Society,
1ª ed, London: Penguin Books, 1974

YULE, George, The Study of Language: An Introduction, 1^a ed,
Cambridge: Cambridge University Press, 1985

WARDHAUGH, R., An Introduction to Sociolinguistic, 2^a ed, Oxford:
Blackwell, 1992

WILLIAMS, Glyn, Sociolinguistic: A Social Critique, 1^a ed, Routledge, 1992

Abreviaturas:

- Cf. - Conforme
- Ex. - Exemplo
- LB - Língua Bantu
- TV - Televisão
- PE - Português Europeu
- PM - Português de Moçambique
- TP - Trabalho de Projecto
- TPM - Transportes Públicos de Maputo

Índice

Nota prévia	1
. Objectivos	1
. Metodologia	1
. Motivação	3
Revisão crítica da literatura	4
. O que é uma comunidade linguística?	4
Perspectiva teórica	7
Hipótese de investigação	8
Descrição e Discussão	8
. Considerações gerais	8
. A língua portuguesa em Moçambique	8
. Determinação da comunidade linguística	10
. Exemplos elucidativos do funcionamento da língua portuguesa nos transportes semi-colectivos	11
. Factores da diversidade da língua	20
. Possíveis factores que contribuíram para a cristalização de tal variante	21
Conclusão e Proposta	24
Corpus	26
Bibliografia	30
Abreviaturas	34